

**SUSANY CRISTINY DA SILVA HIPÓLITO**  
**BRAYAN ROBSON LOURENÇO DA CRUZ**

**O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO FÍSICA FEMININA NA ESCOLA  
ESTADUAL PROFESSOR SALATIEL DE ALMEIDA DE  
MUZAMBINHO-MG: 1960-1980.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. MSc. Mateus Camargo Pereira.

**MUZAMBINHO**  
**2014**

# O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO FÍSICA FEMININA NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR SALATIEL DE ALMEIDA DE MUZAMBINHO-MG: 1960-1980.

Susany Cristiny da Silva Hipólito<sup>1</sup>  
Brayan Robson Lourenço da Cruz<sup>2</sup>  
Mateus Camargo Pereira<sup>3</sup>

**RESUMO:** A história da educação física escolar de uma época busca trazer versões acerca das práticas da área em determinado momento histórico. Sujeitos sociais, os professores, alunos e gestores são produtores dessas práticas. O objetivo do presente trabalho é investigar as práticas da Educação Física Escolar Feminina na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, no período de 1960 a 1980, na cidade de Muzambinho – MG, por meio do olhar das docentes Lia Mara Zaghi e Maria Luiza Podestá, professoras de Educação Física na época. Para isto, utilizou-se como fontes oito entrevistas realizadas com os sujeitos que participaram desta história: as professoras citadas e seis alunas que vivenciaram a prática da Educação Física. Ao final deste estudo, constata – se que no período de 1960 à 1980, há um processo de mudança da educação física em Muzambinho, de uma prática mais recreativa para uma prática mais esportivista, principalmente a partir da atuação da professora Lia Mara. Supõe-se que tal mudança está sintonizada com o advento do regime militar brasileiro, instituído em 1964, e promotor de uma educação física sintonizada com o desenvolvimento de um país potência esportiva.

**Palavras-chave:** História da Educação Física; Prática pedagógica; Educação Física feminina.

## INTRODUÇÃO

A história da educação física escolar de uma época busca trazer versões acerca das práticas da área em determinado momento histórico. Sujeitos sociais, os professores, alunos e gestores são produtores dessas práticas. Neste trabalho, temos como tema as práticas da educação física feminina em Muzambinho-MG, na Escola Estadual Professor

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física;

<sup>2</sup>Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física;

<sup>3</sup>Orientador da pesquisa.

Salatiel de Almeida, a partir da atuação de duas professoras responsáveis pela disciplina nas décadas de 1960 e 1980. Este período, segundo Castellani Filho (1988) é marcado pelo crescimento das práticas esportivas na educação física, coexistindo com a ginástica. Falamos de educação física feminina na escola básica porque, no período recortado, as aulas tinham professoras próprias e momentos separados dos meninos, já que, a Educação Física para meninos e meninas era diferente. Segundo Castellani Filho (1988) o Decreto Lei n. 2.072, de 8 de março de 1940, apresenta no quarto artigo, que a Educação Física deve ser ministrada respeitando as condições de cada sexo através da ginástica e dos esportes, devendo ter como objetivo tanto fortalecimento da saúde dos alunos como também dar-lhes ao corpo, solidez, harmonia e agilidade.

O objetivo geral do presente trabalho é investigar as práticas da educação física escolar feminina na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida (Muzambinho – MG), no período de 1960 a 1980, realizadas pelas docentes Lia Mara Zaghi e Maria Luiza Podestá, duas professoras de Educação Física na época. Buscamos, especificamente, a partir dos relatos das professoras e alunas das mesmas, uma reconstrução histórica que identifique os conteúdos ministrados, a organização das aulas, o espaço utilizado e as vestimentas utilizadas para a realização das aulas.

Este trabalho se justifica por contribuir para a ampliação das análises sobre a educação física escolar no período em questão, considerando uma cidade do interior como local das práticas. Busca-se, assim, colaborar para que sejam revistas as versões cujo olhar é mais panorâmico. Como apresenta Melo (1999), são poucos os estudos na historiografia brasileira que se dedicam a discutir especificamente as particularidades da Educação Física e do Esporte.

## **REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

### **I – A Educação Física nas décadas de 1960 e 1980.**

No Brasil, a Educação Física passou por várias transformações no que diz respeito ao sentido de sua prática e aos interesses nela representados. Entretanto, essa disciplina nem sempre foi uma prática obrigatória nas escolas, como apresenta a Lei 705/69:

A Educação Física também teve um papel importante nesse contexto. Com o Decreto-lei n.º 705/69 (Diário Oficial de 28/07/69), a disciplina passou a ser prática obrigatória em todos os níveis e ramos de escolarização, alterando o artigo 22 da lei n.º 4024/61, que a tornava obrigatória apenas nos cursos primários e médios, para alunos com até dezoito anos de idade – o que não significa que sua existência na organização escolar tivesse sofrido transformações, durante o regime militar, somente a partir dessa data (ROSA, 2006.p.57).

Ghiraldelli Junior (1991), fala que o período estudado (1960-1980) é marcado pela transição de uma educação física pedagógica para uma competitivista.

Para Ghiraldelli Junior (1991), apresenta-se no período de 1945 a 1964, uma educação física pedagógica, que reclama a sociedade à necessidade de encarar a educação física não somente como prática que promove a saúde e a disciplina, mas também como uma prática educativa.

Busca-se, através desta prática, melhorar a saúde da juventude que frequenta a escola, e a aquisição de hábitos saudáveis. Considera-se a Educação Física como algo útil e bom para a sociedade (GHIRALDELLI JUNIOR, 1991).

Entretanto, a educação física competitivista realizada na época pós 64, está à disposição de uma hierarquização e da elite social, caracterizando a competição e a superação individual, e voltando-se para o culto do atleta-herói, valorizando o desporto de alto nível (GHIRALDELLI JUNIOR, 1991).

Buscando identificar o papel do professor nos anos da ditadura militar, nas décadas de 1960 a 1980, onde predomina o sistema tecnicista da ditadura militar, o professor e o aluno não tem importância no processo de ensino e aprendizagem, substituindo o lúdico por tarefas mecânicas (OLIVEIRA, 2001).

A partir de meados da década de 1970 a educação física se consolida esportivizada, um novo paradigma teórico que se perpetua na área até final desta década e início de 1980, no qual a psicomotricidade entra em cena criticando este modelo no contexto da disciplina (OLIVEIRA, 2001).

A produção teórica da educação física brasileira nos anos de 1964 a 1985 caracteriza-se por uma disseminação forte do ideal competitivo de superação individual, buscando a formação de uma poderosa nação. Portanto, a organização da disciplina e seus conteúdos se basearam em teorias de Treinamento e Medicina Desportiva, direcionando a população para práticas mecânicas, objetivando a competição (GHIRALDELLI, 1991).

Castellani Filho (1988) descreve a Educação Física destinada a cuidar dos corpos, da força do trabalhador, preparando o indivíduo para a sociedade capitalista. Portanto

menciona após a lei nº 69.450/71, algumas características da Educação Física, dizendo que:

A compreensão da Educação Física enquanto matéria curricular incorporada aos currículos sob a forma de atividade – ação não expressiva de uma reflexão teórica, caracterizando – se dessa forma, no fazer pelo fazer – explica e acaba por justificar sua presença na instituição escolar, não como um campo do conhecimento dotado de um saber que lhe é próprio, específico – cuja apreensão por parte dos alunos refletiria parte essencial da formação integral dos mesmos, sem qual, esta não se daria – mas sim enquanto uma mera experiência limitada em si mesma, destituída do exercício da sistematização e compreensão do conhecimento, existente apenas empiricamente (1988, p.84).

Em 1960 ocorriam-se crises de ordem política, econômica e social que acarretou na formação da união civil-militar que retirou João Goulart do governo tomando o poder. Esta ação foi conhecida como Golpe Militar de 1964.

Uma das primeiras medidas do governo militar, no dia 09 de abril de 1964, foi decretar o Ato Institucional I (AI-I), este dava ao executivo, durante seis meses, poderes para cassar mandatos parlamentares, suspender direitos políticos dos cidadãos, modificar a Constituição e decretar estado de sítio sem a aprovação do Congresso Nacional. Os funcionários públicos na área da educação eram punidos por “subversões”, sendo muitos presos, torturados e mortos. Construindo um Estado autoritário, (VICENTINO, 2002).

De 1964 a 1985 – foi instituído o período da Ditadura Militar no Brasil, marcada pelas restrições e privatização dos direitos, usando excessivamente da violência para controlar a população. Neste período impunha à sociedade, ações institucionais que tinham como objetivo impossibilitar manifestações coletivas, caracterizando a educação como autoritária e tecnicista, tendo como objetivo a neutralidade científica, baseando-se nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade. O regime político da presente época era voltado a uma mentalidade tecnocrata.

A Educação Física em 1964 a 1985, com fortes influências do regime militar, apresentou caráter institucionalizado, o governo idealizava a Educação Física como meio de controlar a população (ROSA, 2006).

## **II – A escola dos Annales como perspectiva teórica para a nossa História.**

No intuito de entender as transformações da Educação Física no período estudado através do material revisado e do material coletado buscou-se compreender a renovação historiográfica acadêmica e as propostas de uma nova história, através do movimento denominado “Escola dos Annales” fundado em 1920 por Marc Bloch e Lucien Febvre, que

sofreu influências do marxismo e do estruturalismo (AROSTEGUI, 2006). Febvre discorria sobre a história como estudo científico elaborado, e Bloch, como a ciência dos homens no tempo passado.

A escola dos Annales se constituiu de três gerações com destaque para alguns autores: a primeira geração dirigida por Febvre e Bloch; a segunda, por Braudel; e a terceira, por Le Goff. Este movimento historiográfico teve como objetivo recusar a história superficial e simplista que se encontra na descrição dos acontecimentos e trazer a problematização como produto de uma nova história. Nesse sentido, o grupo de historiadores que este movimento formou representou enorme influência nos meios científicos e educacionais da França (AROSTEGUI, 2006).

Para a corrente historiográfica o conceito de história problema frente a história resultado, passa a analisar a história como temática, seu desenvolvimento e o uso de novas fontes; esta deixa de ser somente cronológica, na medida em que apresenta uma enorme “atenção às condicionantes não históricas da história, como geografia, clima, as dimensões antropológicas” (AROSTEGUI, 2006, p. 145). Este autor propõe que esta historiografia passe por todos os conhecimentos do homem, a fim de afirmar a idéia de uma história total (AROSTEGUI, 2006). Além disso, essa “nova história” revolucionou a concepção de documento, produzindo a história através deles e sem eles, utilizando também evidências não escritas, ou que não aparecem no documento.

Le Goff (1990) diz que para todo historiador passa a ser necessário o uso do documento já que não há fatos históricos sem que tenham registros que estes sejam escritos ou gravados.

Assim, a história não se faz apenas com documentos escritos. Pode-se reconstruí-la por meio dos documentos iconográficos como: fotos, relatos orais, documentos tridimensionais, como os achados arqueológicos. Torna-se necessário que o historiador conheça as técnicas de seu ofício e saiba utilizá-las para compreender o documento, o homem e a sociedade que o produziu.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A História Oral é utilizada como método de pesquisa. Pode ser utilizada como meio pedagógico, onde o aluno se torna parte do processo e alimenta o arquivo sonoro, formando um banco de dados, com a criação de fontes orais, que servem de instrumento de pesquisa para diversas áreas do conhecimento (BORGES, 2013).

A entrevista oral gravada é considerada um documento que necessita da utilização de uma metodologia de pesquisa específica, do entrelaçamento de fontes orais, visual e textual. Ao gravar o relato da memória, o entrevistado parte da atualidade para o que foi vivenciado, sendo memória gravada considerada instável, pois sujeita-se a motivação no momento presente. Por tanto a matéria – prima da história oral é a memória do sujeito estimulada pelo pesquisador (BORGES, 2013).

O presente trabalho discorre sobre as concepções e práticas de Educação Física escolar feminina na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, em Muzambinho- MG, no período de 1960 a 1980, a partir de duas docentes responsáveis pelas aulas e de alunas destas professoras. Possibilita-se conhecer, através da prática, os conteúdos ensinados, a organização das aulas, o espaço utilizado e quais as vestimentas adequadas à vivência da Educação Física feminina da época, na educação básica.

As entrevistas possibilitaram o levantamento de fontes orais, buscando por meio da memória a reconstrução história desta prática escolar.

Esta pesquisa foi elaborada por referências que surgem nas vozes das pessoas que estiveram relacionadas com a temática abordada, o que possibilitou aos entrevistados compartilhar sua experiência pessoal relacionada à disciplina em questão. A história oral possibilita pensar um tempo passado que pode ser identificado por vestígios que resistiram à dinâmica social. Vestígios, ressalva-se, são parte de um todo, que sabemos não poder reconstruir plenamente (BENJAMIN,1987).

Através deste pressuposto entrevistamos duas professoras da disciplina de Educação Física do sistema de ensino Estadual e seis alunas que vivenciaram a metodologia de ensino na época estudada. Tem-se a Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida como cenário por ser a primeira onde às professoras lecionaram no município.

Neste processo, foram apresentados às entrevistadas os objetivos do estudo; assim, as mesmas participaram de forma voluntária e assinaram uma Carta de Sessão que se constitui de um documento que autoriza sua audição, transcrição e uso das citações a terceiros, ficando vinculado ao controle do Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer do IFSULDEMINAS-Câmpus Muzambinho (CEMEFEL), valorizando a autoria dos relatos e a própria contribuição de cada uma no desenvolvimento do ensino local.

O primeiro contato com as entrevistadas foi realizado por telefone. Nele se esclareceram os objetivos e procedimentos da pesquisa. Decidiu-se realizar as entrevistas em suas residências, no seu local de trabalho e no Cemefel. Assim, na data e

hora marcadas, foram realizadas a gravação das entrevistas elaboradas por um roteiro composto de quatro perguntas abertas, que buscavam responder como era a metodologia aplicada, onde ocorriam as aulas de Educação Física, os horários de realização e as vestimentas adequadas para realização da mesma.

Na entrevista realizada com as professoras Lia Mara Zaghi e Maria Luiza Podestá, investiga-se a metodologia de ensino empregada na época. Posteriormente entrevistamos as alunas, Dircélia Cristina de Toledo, Felicidade Donizete dos Reis, Mara Janice Martiniano Montanara, Alcione Magalhães Romano, Dirce Maria Cruz Ribeiro e Vilma Ainda Riboli Bengston para confirmação dos relatos.

A média de duração das entrevistas foi de 40 minutos, aproximadamente, servindo as gravações e depoimentos para a transcrição integral das suas falas. As entrevistas foram analisadas cuidadosamente, corroborando para a elaboração do presente trabalho.

As entrevistadas não possuem contado de proximidade, que poderiam influenciar o conteúdo de seus depoimentos. O motivo de suas escolhas é justamente a condição de terem lecionado e vivenciado a Educação Física nas décadas de 1960 e 1980, como apresentam as fontes. Justifica-se uma imprecisão no recorte estudado, devido as fontes demonstrarem incerteza quanto as dadas estudadas no primário com as respectivas professoras. Durante as entrevistas respeitou-se a individualidade de cada uma, trazendo pela ação da memória o que há de mais significativo vivido por cada entrevistada.

Segundo Ferreira (2005), os instrumentos para se atingir tais objetivos seriam a formulação, no caso dos estudos acadêmicos, de roteiros de entrevistas consistentes, de maneira a controlar o depoimento, bem como o trabalho com outras fontes, de forma a reunir elementos para realizar a contraprova e excluir as distorções.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados deste trabalho são pautados majoritariamente pelo relato apresentado pelas professoras Maria Luiza Podestá e Lia Mara Zaghi. Ambas foram escolhidas por morarem em Muzambinho e por terem se formado em Escolas de Educação Física relevantes para a época. Portanto, começaram suas carreiras credenciadas por formações atualizadas para a época.



## **I - Maria Luiza Podestá**

### **a ) Percurso formativo:**

Maria Luiza Podestá, 81 anos, é natural de Muzambinho-MG, onde reside até hoje. Iniciou sua formação primária na Escola Paroquial. Quando ingressou no primário já sabia ler e escrever. Em 1945 estudou no colégio das freiras, onde freqüentou a primeira, segunda e terceira série, permanecendo lá por três anos. Em 1947 voltou a estudar a quarta série no colégio do Estado, terminando o primário em 1953. Em 1955 foi para o Rio de Janeiro estudar Educação Física, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, à época, Universidade do Brasil, onde se formou em 1957.

No percurso de sua formação acadêmica, Maria Luiza Podestá, morou com uma tia no Rio de Janeiro. Foi aprovada tranquilamente no vestibular, que era realizado através de prova prática e teórica. Relatava nunca ter tido aula de anatomia em sua formação primária. Para a realização do vestibular teve que adquirir conhecimento sobre a disciplina. Começou o curso superior aos 21 anos e aposentou-se em 1973, devido a um problema de saúde.

### **As alunas...**

A fim de confirmar e/ou confrontar a fala da professora e complementar a história com diferentes memórias sobre os assuntos abordados em relação à prática feminina de Educação Física, foram entrevistadas três alunas de Maria Luiza Podestá.

Vilma Ainda Riboli Bengtson, 63 anos, natural de Muzambinho – MG, onde reside atualmente. Coursou o primário em 1962, e logo depois, em 1964, concluiu a 5° série. Formou-se em Educação Física, em julho de 1974, pela Escola Superior de Educação Física de Muzambinho (ESEFM).

Dirce Maria Cruz Ribeiro, 59 anos, natural de Muzambinho, residente atualmente em Cabo Verde – MG. Terminou sua formação primária em 1965. Coursou a 5° série em 1966, concluindo a 8° série em 1969. Graduou-se em Educação Física, pela Escola Superior de Educação Física de Muzambinho (ESEFM) , em 1976, mas nunca exerceu a profissão, aposentando-se como contadora.

Alcione Magalhães Romano, 66 anos, cidade natal de Caconde – São Paulo, reside atualmente em Muzambinho – MG. Coursou o ensino primário na escola estadual Frei Florentino, logo depois na Escola Professor Salatiel de Almeida, onde completou o magistério. Formou-se em Educação Física em 1974, pela Escola Superior de Educação

Física de Muzambinho (ESEFM).

## **b) Debatendo com as fontes**

### **Conteúdos abordados**

Na sua graduação, em 1955, Maria Luiza Podestá relata como eram as aulas:

Tinha um professor para cada matéria, era um pra atletismo, um pra vôlei, um pra basquete, um para cada coisa. E eles ainda davam esgrima, que era a coisa mais ridícula do mundo. Eu sou canhota e o professor ficava me vigiando. Porque ele ensinava uma coisa e eu ia do lado errado, dava umas espetadas nas outras meninas. (Risos) Tinha aula de jiu-jitsu que também era a mesma coisa, ele ensinava e eu fazia do lado errado, aí ficava me vigiando pra não machucar ninguém. Tinha aula de tênis que era outra coisa ridícula, gastava a maior parte do tempo procurando bolinha no mato. (Risos) Porque era aquela turma grande, meia dúzia de raquete, você ficava lá só pra constar mesmo, porque aprende mesmo... A gente tinha uma noção muito superficial do que era o tênis, como era uma contagem e os termos. As outras coisas, a parte de teoria tinha gente muito boa. (PODESTÁ, 2013, p.3)

Verifica-se que Maria Luiza Podestá vivenciou várias modalidades esportivas na sua graduação. Tal relato sugere que ela poderia aplicar vários conteúdos em suas aulas. Porém, a expressão dos relatos a seguir de suas alunas apresentam aulas ministradas por meio de métodos de ginástica calistênica.

Outro ponto relevante era a evidência da separação dos gêneros durante as aulas práticas, não havia contato entre homens e mulheres. A classe que estudara era composta por 16 meninas e 18 rapazes, totalizando 34 alunos. As aulas teóricas ocorriam em conjunto e nas aulas práticas separava-se a turma por gênero. Fato este consolidado em suas aulas ministradas.

Critica-se a participação das mulheres naquela época nas atividades práticas de lutas. De acordo com Lino Castellani Filho (1988), as mulheres eram consideradas reprodutoras dos filhos da pátria, resguardadas de atividades agressivas que prejudicassem sua integridade física. Estereótipo este que cai por terra quando Podestá relata ter praticado em sua graduação aulas de Jiu – Jitsu e aulas de esgrima, esportes estes considerados impróprios na época para mulheres.

No exercício das aulas ministradas a professora Maria Luiza Podestá (2013, p.4), afirma que:

... quanto mais comum você dava um aquecimento, uns exercícios né e uma volta a calma. Porque a volta a calma era prevista, porque você supunha que os alunos fossem fazer a ginástica no mesmo período, aqui não, aqui nós fazíamos separados. Mas de qualquer maneira estava previsto aqui era a hora da

brincadeira e dos joguinhos.

Confirma-se essa afirmação através do relato de suas alunas. Bengtson (2014, p.2) foi aluna da professora Maria Luiza Podestá. Em sua formação primaria relata que:

... Maria Luiza era uma professora muito boa, era bem rígida e as aulas era bem... Seguia uma sequência bem formais... E os matérias didáticos era bola, corda, o que mais...(Pensativa). Não lembro. (Risos) Era mais isso bola e corda.

Ribeiro (2013, p. 2) contribui afirmando ser Podestá,

... uma ótima professora! E eu tive a oportunidade assim que ela formou no Rio de Janeiro e veio pra Muzambinho com ideias muito boas, e a ideia dela era da ginástica mesmo, nós éramos só as meninas sabe. Uma disciplina muito boa, com a disciplina dela, ela era muito rígida e um empenho muito grande que a gente fizesse as aulas de ginástica, não faltasse.

No ano de 1966, em sua formação primária, Ribeiro vivenciou aulas de ginástica calistênica. Para Inezil Penna Marinho (1954) a utilização da calistenia em nosso país encontra-se nos pareceres de Rui Barbosa, valorizando e prescrevendo este tipo de ginástica para o sexo feminino, já para o sexo masculino recomendava-se a ginástica Sueca. Para Soares (1994, p. 57) este método de ginástica, o Sueco, “colocava como instrumento capaz de criar indivíduos fortes, saudáveis e livres de vícios”.

Observa-se que as brincadeiras realizadas por meio de jogos se opunham à prática exercida na época.

A ginástica calistenica ...era realizada através de movimentos corporais... No final da aula deixar a gente jogar queimada (Risada). Antigamente era uma queimada, era jogo sabe?! Não era muito assim, basquete, voleibol, essas coisas não! Ela gostava muito assim de brincadeiras. Era aulas muito assim gostosas mesmo! E quase que ninguém faltava, era impressionante! Todos uniformizados... (RIBEIRO, 2013, p. 2)

Afirmando este relato, Romano (2013, p.1) apresenta:

a professora era a Dona Maria Luiza Podestá, que era o ídolo da gente, amada pela gente, e as aulas eram na quadra do colégio, é eram aulas mais voltadas para atividades de exercícios físicos, muita recreação.( ROMANO, 2013.p.1)

Conclui-se que não se empregava a realização de atividades esportivas com frequência, pois segundo ela estas não eram uma prática adequada. Parece-nos que estas modalidades poderiam comprometer de algum modo a integridade física das

alunas.

A aula de vôlei a gente dava separado, tinha dia que eu dava só jogos. Ai esquentava um pouquinho, ai dava bets, queimada, aqueles joguinhos todos que a gente mesmo fazia as regras porque não tinha regra determinada. E o dia que tava mal humorada colocava as meninas pra fazer ginástica, elas não gostavam, elas queriam era brincar né. (Risos) Quando tinham umas perturbando muito, eu botava elas pra correr. Eu ia tirando aquelas que não queriam, pode sentar e as que perturbava ficava reclamando, não aguento mais Teve um tempo que eu dei um pouco de basquete, mas ai basquete com aquele negocio de corpo a corpo acabava machucando as meninas! ( PODESTÁ, 2013, p.4)

### **c) Vestimenta**

Utiliza-se nas aulas de Educação Física a organização do corpo por meio das vestimentas obrigatórias. Analisa-se essa afirmativa na fala de Podestá: “uma blusinha comum, nesse ainda não tinham muito essas camisetas, mas era uma blusinhas branca comum, um calção azul, tudo muito simples, padronizado” (2013.p.6).

Confirma-se essa afirmação através de Bengtson, relatando que nas suas aulas de Educação Física, todos estavam uniformizados, vestidos com camisa, short, meia e tênis.

### **d) Local e turno**

Podestá (2013) comenta que as aulas eram realizadas na quadra da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida em contra turno, quem estudava de manhã fazia aula tarde e quem estudava a tarde fazia aula de manhã.

Romano (2014, p.2) afirma que as aulas eram:

Contra turno, a gente voltava só para as aulas de Educação Física, a gente aquele horário estava totalmente ligada naquilo, eu como adorava, podia suar, sujar, rasgar, que eu já não tinha uma preocupação, que é o que a gente hoje percebe, quando a aula é no horário de aula, segura um pouco o aluno de participar, porque ele não que ta suado, ele não que ta sujo, para voltar pra aula né, naquela época era uma delicia (risos).

Percebe-se que na época as aulas ministradas em horários contra turno possuíam mais aderência dos alunos em termos de participação. Relata-se satisfação e prazer em realizar esta prática.

Segundo Ribeiro (2013, p. 3), durante as aulas:

... Ela usava muito o apito pra chamar a atenção, sabe?! (Risos) E ela sempre demonstrava primeiro o exercício para depois a gente fazer! Sempre corrigindo de uma em uma viu. Então hoje eu vejo assim a importância que foi, naquela época

as vezes a gente não dava muito atenção (ênfase) para aquilo, mas hoje a gente vê o tanto que o esporte, a ginástica, o exercício físico é bom pra saúde.

Castellani Filho (1988) justifica o relato de Ribeiro que menciona a utilização do apito para disciplinar e controlar os alunos nas aulas, devido a influência militar.

As aulas ocorriam, de acordo com Podestá, com a participação de todos os alunos, pois tinham que obter frequência aproximada de 75%. Caso o percentual não fosse alcançado, os alunos reprovariam na disciplina:

Olha não vou dizer que seria obrigatória à participação, mais se você não participasse, não ganhava presença, a não ser se você estivesse mesmo doente, demonstrasse que não estava bem, mais caso contrario era quase que obrigatório fazer (ROMANO, 2014.p.2).

Observa-se também, a falta de recursos e materiais necessários para a realização das aulas de Educação Física, assim, muitos dos materiais eram confeccionados por meio de materiais alternativos. Aqui, observa-se características da Escola Nova que teve como metas, segundo Ribeiro (2004, p. 172), eliminar vestígios do ensino tradicional que era individualista já que buscava “princípios da ação, solidariedade e cooperação social. Para isto, propunha a introdução de novas técnicas e ideias pedagógicas”.

Podestá (2013, p. 6), afirma que:

A quadra era essa quadra do colégio que não era coberta e era cimento rustico. Quando a gente caía, rolava, ralava tudo. Material quase nenhum era tudo improvisado, arrumava uns lenço, umas cordas, de vez enquanto conseguia algumas bolas, tinha vôlei o ano inteiro com uma bola só. (Risos) De vez enquanto arrumava lá um dinheirinho comprava uma bola, mas era tudo improvisado, não tinha nada de material específico pra Educação Física.

### **e) Relação professor x aluno**

Ao longo de sua caminhada como professora Podestá relata não ter encontrado nenhuma dificuldade ao ministrar suas aulas. Sua única preocupação era falar palavras de baixo calão. Sua relação com os alunos era de respeito, passara uma imagem de possuir uma personalidade brava. Ribeiro discorre sobre essa relação aluna e professora (2013, p. 6):

Boa, boa! A Dona Maria Luiza muito boa, ela não sei se veio de um centro maior, né, de uma, um estado assim porque o Rio de Janeiro tinha né todas as oportunidades (ênfase), dentro da Educação Física e ela tentou aplicar isso dentro do colégio. Por ser uma cidade pequena o relacionamento foi muito bom viu e ela fazia junto com a gente, ela não, nunca deixou aluna fazer de qualquer jeito e sempre, não esse movimento está errado porque se a perna dobrar assim pode ter

problema na coluna. Então eu lembro muito bem disso sabe, dela. (Sorriso, satisfeita) Ela esclarecia pra gente isso.

## **II - Lia Mara Zaghi**

### **a) Percurso formativo**

Lia Mara Zaghi foi a segunda professora de Educação Física da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida em Muzambinho-MG. Natural de Cabo Verde – MG, atualmente com 66 anos de idade, concluiu sua formação primária no Internato de Freiras em 1956, onde ficou até seus 15 anos de idade.

Aos 21 anos, em 1966, concluiu o curso superior em Educação Física pela Escola Mineira de Educação Física, em Belo Horizonte. Começou a lecionar, mas por falta de escolas que atendiam as suas necessidades precisou mudar. Vale ressaltar que para uma mulher daquela época, foi uma escolha corajosa mudar-se do interior para a capital.

... em Belo Horizonte era curso separado, o pessoal do infantil só tinha graduação para trabalhar de 1º a 4º série, e quem fazia superior tinha depois titulação para trabalhar de 4º série ao fundamental 2 que hoje é o 2º, antigamente o infantil era só para dar aula fundamental 1 depois o superior só poderia dar aula no fundamental 2 e no ensino médio. Então as aulas de Educação Física infantil eram pequenos jogos, iniciação esportiva, e depois os esportes específicos todos é atletismo, vôlei, basquete (ZAGHI, 2013, p. 2).

Aponta em seu relato que no período de sua formação acadêmica trabalhou com todas as modalidades esportivas, porém havia separação na formação para cada professor, no qual se dividia pelos níveis de ensino. Também discorre que em algumas disciplinas ocorria um desmembramento da turma, homens e mulheres não dividiam as aulas práticas de ginástica rítmica, o mesmo citado anteriormente por Maria Luiza Podestá “...era homem e mulher junto, só ginástica rítmica que era separado, ginástica rítmica desportiva era separada, tudo era junto, natação, atletismo” (ZAGHI, 2013, p. 3).

A entrevistada vivenciou o momento político da ditadura militar durante sua formação superior, expõe que alguns de seus professores eram militares. Castalani Filho (1988) explica que a aula de Educação Física tinha características do governo rígido, o que era considerado bom, por ter o professor mais destrezas e comando da turma já que os espaços eram restritos; e os alunos, mais disciplina.

O professor de mentalidade aberta poderia utilizar essa disciplina, para inserir valores, e disciplinar para o trabalho. Evidencia-se a Educação Física livre como

trabalhosa ao professor, devido ao grande número de aulas ministradas por eles. Entretanto, a Educação Física caracterizada pela ordem unida, facilitava o trabalho do professor (CASTELLANI FILHO, 1988).

....ainda estávamos na ditadura em 1964 quando eu cheguei em Belo Horizonte, fiz o vestibular, tivemos um período grande de ditadura. Então nos tínhamos discussão de programas brasileiros e toda parte teórica. Mas a parte prática que são todas as matérias específicas da Educação Física, atletismo era dividido em 3° partes, eram três professores diferentes, era corrida, saltos e arremessos, nos tínhamos três professores de atletismo na época e era quase todos militares. (ZAGHI, 2013, p.3)

Após o término de seu curso, trabalhou por 3 anos em Belo Horizonte como professora de Educação Física. Quando voltou para Muzambinho, em 1968, foi chamada para trabalhar na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, onde ficou por 22 anos, trabalhando no Ensino Fundamental e Médio, totalizando 25 anos de serviços prestados na área escolar.

#### **b) As alunas...**

Para confirmar e/ou confrontar as falas de Lia Mara Zaghi entrevistou-se três alunas, possibilitando, dessa forma, contar a história também através da perspectiva das alunas.

Felicidade Donizete dos Reis, 59 anos, natural de Muzambinho – MG, onde reside atualmente, teve aula com Lia Mara na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida durante o colegial nos anos de 1972 a 1974. Tem formação superior em Educação Física pela ESEFM, finalizada no ano de 1979. É pós-graduada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul de Minas – Campus Muzambinho, em 2011. Hoje ocupa o cargo de atendente na previdência social da cidade.

Dircélia Cristina de Toledo, 41 anos, cidade natal, Muzambinho-MG, onde reside atualmente. Teve sua formação primária na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida. Teve aula com a Lia Mara na 5ª série. Tem formação superior no curso de Secretariado. Encontra-se ocupando o cargo de secretária no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul de Minas - Campus Muzambinho.

Mara Janice Martiniano Montanara, 58 anos, cidade natal Muzambinho – MG, onde reside atualmente, afirmou ter sua formação primária na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, entre 1972 e 1974, pois a entrevistada não recorda a data. Lá teve aula com a Lia Mara na 5ª série, posteriormente formou-se em Educação Física e pós-graduou no curso em Muzambinho pela Escola Superior de Educação Física (ESEFM)

apresentando a data de sua formação o ano de 1976. Vale ressaltar que as datas apresentadas pela entrevistada não são sólidas, pois a data de sua formação primária e formação acadêmica são muito próximas, o que nos parece ser uma falha na memória da mesma.

## **b) Debatendo com as fontes**

### **Conteúdos abordados**

Apesar da época da formação de Lia Mara ter sido influenciada pela esportivização, como aponta Oliveira (2001), que apresenta ser a Educação Física uma prática esportiva tecnicista no período militar; Lia Mara Zaghi (2013, p.3) descreve outro tipo de aula.

A gente começou a inovar muito, porque quase não tinha professor formado na região, eram poucos professores que tinham realmente curso de Educação Física, alguns nem tinham o curso de Educação Física, eram prático... A gente tentou, conseguiu inovar muito, as aulas eram de realmente de brincadeiras. A iniciação esportiva começava com a parte lúdica, com brincadeiras, com... O esporte aparecia mais lentamente, não era tão direcionado a competição, não tínhamos competição, dava ginástica com música, arco, bola, corda, as meninas, as crianças levavam pau de vassoura porque não tinha bastão, não tinha... A gente comprava corda, cortava os pedaços individuais, a gente que praticamente que confeccionava o material. Bolas, a gente comprava bolas de borracha das mais baratas, essa dente de leite.

A aplicação desta inovação fora muito bem vinda por parte dos alunos, pois saíam de aulas com ginástica calistênica. Uma forma de conduta militarista, rígida por parte dos professores, para a transição dessa nova realidade.

Oliveira (2001) apresenta que, no Brasil, a história da Educação Física manifesta limitações quanto à potencialidade criadora dos docentes, ou seja, de sua autonomia, caracterizando uma formação deficiente de forma e conteúdo.

O trabalho com iniciação esportiva iniciou, sem que houvesse exclusão, todos participavam e vivenciavam, sendo talentosos ou não.

...a gente se baseava muito no João Batista Freire porque ele era realmente, ele trabalhava muito com iniciação, com Educação Física para todos sem procurar os talentos, não ficava só com aqueles bons. Porque quando você, quando você ia trabalhar com talentos, você conseguia 12 excelentes no Vôlei, 12 pro Handebol, 10 daquilo que... Como você vai trabalhar se são 1.400 alunos?! Todo mundo tinha o direito de fazer tudo, é como dizia nossa professora de ginastica de Belo Horizonte, jeitoso ou não, talentoso ou não, tem que fazer uma Educação Física! (ZAGHI, 2013, p.8)

Reis (2014) nos relata sobre essa mudança nas aulas. Aborda o conteúdo utilizado



pela professora, contrapondo a visão tecnicista apontada como preponderante no período.

Quando veio a Lia pra Muzambinho, ela com ideias novas já com a mudança da situação política do país, ela passou a despertar nos alunos o interesse pelos esportes coletivos de quadra, também pela parte de atletismo, pra ginástica rítmica esportiva e pouco a pouco foi providenciando material didático tais como blocos pra corrida, bolas de basquete, bolas de vôlei, bolas de handebol, cordas... ela era muito jovem, sempre foi muito motivada, isso foi fazendo despertando interesse nos alunos pra praticar os esportes e isso foi também modificando a ideia da política que influenciava tudo, com a mudança da política os alunos começaram a interagir mais entre as classes sociais, que eram divididas, muito divididas aqui na nossa cidade naquela época. Eu acredito que no país todo ditado pelo regime político da época. (REIS, 2014, p.2)

Toledo (2014) Também compartilha sua experiência relatando os conteúdos trabalhados pela professora e contrapõe as falas da mesma.

Ah, ela geralmente dava as aulas de ginástica mesmo, usava bolas, as vezes um material assim um cabo de vassoura que naquela época a gente não tinha muita, muitos recursos como tem hoje né. Mas era assim, muita coisa de dança, ela gostava de dar também. Ah, ela dava muita coisa também da parte assim de jogos de... Eu me envolvia mais na parte de dança. (TOLEDO, 2014, p.2)

A professora trazia toda essa gama de vivências para a turma, também com desfiles, apresentações de ginástica e de dança. Esta forma de trabalhar é destacada por Castellani Filho (1988) na afirmação de que as escolas por filosofia da época militar se envolviam em manifestações fora do âmbito escolar, nos quais docentes de Educação Física e seus discentes uniformizados participavam de aniversários e desfiles, obrigatoriamente.

Lia Mara destaca que, em algumas apresentações e aulas (ensaios) era possível unir meninos e meninas, fato curioso para o período em questão que existia a separação de gêneros para as aulas de Educação Física.

...a gente conseguia algumas coisas em treinamento as vezes conseguia fazer um misto, os meninos contra as meninas. Muito pouco, mas as aulas mesmo, as aulas eram separadas. Em demonstração, em jogos você conseguia, em azul e vermelho, alguma coisa você conseguia, mas as aulas mesmo, as aulas obrigatórias separados. (ZAGHI, 2013, p.15)

Solidificam em relação a Reis (2014) e Montanara (2014) as declarações da professora, que falam sobre a distribuição da turma nas suas visões, confirmando a

separação e demonstrando não haver nenhuma relação entre os gêneros, durante as aulas. “Era separada, o masculino separado de feminino.” (MONTANARA, 2014, p.2)

As aulas de Educação Física eram sempre separadas. Masculino e feminino, o masculino normalmente com o professor masculino, o feminino com uma professora. É, talvez por volta dos anos 80 que passou a ser professores dar aula pra meninas ou professora dar aula pros meninos. Agora aulas mistas eu nunca cheguei a ter. (REIS, 2014, p.3)

### **c) Vestimenta**

Sobre a vestimenta, constata a obrigação do uso do uniforme, algo ainda relacionado à herança do regime militar. Uniforme este dividido entre short e camiseta, nada muito sofisticado, pois relata que algumas alunas faziam aula descalças por possuir uma situação econômica desfavorável. O uso do jeans era proibido, caso não usassem short, a malha da calça deveria ser de um pano leve que ajudasse na prática esportiva. Corroboram com este fato suas alunas.

“Uniforme era um short, camiseta, é isso mesmo um short e camiseta.” (MONTANARA, 2014, p.2)

Reis (2014, p.3) afirma:

...na época do ginásio era obrigatório o uniforme. Era short azul, camiseta branca, isso era obrigatório. E o tênis quem tivesse, às vezes era descalço, porque na época a situação econômica também às vezes não permitia que tivesse tênis, conga, nem nada. Às vezes a gente fazia Educação Física descalço porque não tinha.

### **d) Local e turno**

As aulas de Educação Física ocorriam em horários de contra turnos, de modo que quem era do turno diurno, tinha suas aulas no período vespertino e vice-versa. A ideia de contra-turnos era uma estratégia adotada pelo colégio, colocada em prática pela professora que ainda cita a existência de outro horário direcionado a treinamentos mais específicos, objetivando a repetição do movimento técnico e correto, à aqueles alunos mais habilidosos.

Como diz Reis (2014, p.3), “sempre fora do horário de aula, se estivesse estudando no período da manhã as aulas seriam necessariamente de tarde, nunca era na continuidade do horário de aula, de sala de aula”.

Apesar e ser a Educação Física fora do horário escolar, a frequência dos alunos não sofria quaisquer consequências quanto a essa variação de horário, a presença da

maioria é confirmada nas falas tanto da professora quanto das alunas. Todas as alunas confirmam essa valorização dada a disciplina, e os méritos da professora. Uma das alunas cita; “A maioria participava, assim tinha e sempre teve alguns que ficavam meio que enrolavam, sentavam, não gostavam de fazer, mas na minha turminha as meninas gostavam muito.” (TOLEDO, 2014, p.4)

Reis (2014, p.4) aborda que:

Os alunos gostavam de participar da Educação Física porque era uma forma de distração, que o regime político deixava a gente tenso, quando a gente estava participando das aulas, do esporte a gente se soltava, muita gente as vezes que tinha que trabalhar podia faltar para a Educação Física (risos), era uma momento de descanso, de lazer. Então era assim, era difícil as faltas dos alunos, os alunos iam e participavam mesmo. Então é, aluno sentado, aluno que não gostava de fazer Educação Física eram muito poucos, porque os alunos gostavam de participar, não gostavam de ficar sentados.

Mesmo sendo em horários diferentes do escolar, o local não se alterava. Utilizava-se a quadra da escola como espaço de aula. Também cita o uso de um campo, pelo alto número de alunos que necessitava de um espaço maior, e a praça de esportes da cidade que sedia o ambiente para a realização dessas aulas.

Montanara (2014, p.2) diz, “era uma quadra do colégio, mas a quadra era descoberta nessa época, mas tudo normal”; e Toledo (2014, p.4) corrobora afirmando que “o local era a quadra, no Salatiel mesmo, onde ainda é né”. Ambas mencionam não utilizar outros espaços a não ser a quadra da escola, porém Reis (2014, p.3) confirma a narração de Lia Mara.

Normalmente da quadra do colégio que ainda é a quadra hoje no colégio estadual. Eventualmente quando era da parte de atletismo ou aqui na praça de esportes, ou na pista de atletismo que era lá no Jardim Amaro se não me engano, não tenho muita certeza se é lá não.

Dialogando sobre o tema, encontra-se a constatação da falta de materiais para a realização das aulas, como destaca Zaghi (2014, p.18), “...eu acho que a dificuldade foi material, não é, não te dava muito e a sua criatividade às vezes ficava, deixava a desejar. Você queria fazer, não tinha material pra todo mundo né, os treinamentos com pouca coisa, pouca bola.”

Em sua tese sobre a Educação Física no período militar, Oliveira (2001, p. 368) aponta uma “precariedade de condições de trabalho, seja no tocante ao aspecto material (espaço, equipamento etc.), seja no tocante à condição econômica dos professores [...]”

Assim, criou-se a necessidade de confeccionar esse material didático. Juntamente

com os alunos e colaboradores, como pais, conseguia-se os materiais, como cabo de vassoura, para a confecção dos mesmos.

Esta escassez não atrapalhava no aprendizado, Reis (2014) manifesta a única dificuldade encontrada.

Olha, não sei talvez que tivesse de trabalhar e não pudesse ir, não acredito que eu, ou por algum problema de saúde, alguma coisa assim né, porque ia trabalhar muito cedo pra ajudar na situação econômica da família que era difícil. Então, a gente tinha que trabalhar muito cedo, grande parte da classe menos favorecida começava a trabalhar, saía do colégio e já ia trabalhar na parte da tarde e as vezes trabalhava a noite também que é o caso da minha família, todos nos começamos a trabalhar muito cedo, com 10 anos, 12, algum tipo de serviço alternativo, a gente tinha que trabalhar muito cedo. (REIS, 2014, p.4)

### **e) Relação professor x aluno**

Sobre a relação aluno/ professor, Toledo (2014, p.4) expressa, “era uma relação boa, não era como é hoje não, era uma coisa mais assim profissional, o professor com o aluno. Não tinha aquela amizade, esse entrosamento que tem hoje.” Nesse sentido, percebe-se que a Educação Física, no contexto estudado, abria espaço para uma maior aproximação; mesmo acatando as ordens, os educandos tinham afinidade com o educador. Zaghi (2014, p.20) confirma narrando.

A melhor possível, não sei se ainda é assim, eu acredito que seja. (Risos). Porque Educação Física, essa relação é, eu acho que é uma coisa assim, é inerente da disciplina, uma coisa que já nasceu assim e que não vai acabar. A professora de Educação Física era muito amiga, muito, muito. Era mais amigo do que... do que mais, é... que as pessoas mais gostava era Educação Física e a dedicação era muito grande, uma paixão, a gente tinha uma paixão pela disciplina, pela atividade em si, todas mais treinamento e resultados. Mesmo que não tivesse resultados acho a paixão sempre foi muito grande.

Outro cuidado abordado pela professora era a higiene. Apesar da professora e algumas alunas afirmarem a apresentação do tema da higiene, mesmo que pouco, as demais alunas refutam essa afirmação. Expressam que não se recordam de algo fora da área da educação apresentado durante as aulas.

No entanto, de acordo com Zaghi (2013), esta trabalhava muito a questão da higiene, cabelo, roupas, com as crianças da zona rural falava de higiene pessoal de forma mais específica. Corroborando com este relato, Reis (2014, p.6) discorre:

E naquela época normalmente não me lembro com que frequência que era, a

gente sentava na beira da quadra e a professora falava com as meninas sobre higiene, sobre a sexualidade, temas que eram proibidos em sala de aula, mesmo de biologia. Era um tabu falar certos assuntos naquela época. Depois dos anos, acredito que chegando nos anos 80, é que isso foi mudando, essa mentalidade foi mudando.

Toledo (2014, p.5) finaliza afirmando que: “a Lia Mara sempre foi uma professora muito dedicada, os alunos sempre gostavam muito dela, sabe. Ela é uma pessoa muito especial.”

Após esse período no Ensino Fundamental e Médio, em 1971 Lia Mara Zaghi tornou-se professora na disciplina de Ginástica Rítmica Desportiva na Escola Superior de Educação Física em Muzambinho (ESEFM), sendo posteriormente promovida a diretora. Com o fechamento da instituição Lia Mara saiu da área acadêmica e passou a atuar em outro campo, ocupando o cargo de diretora de esportes na cidade de Muzambinho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo propôs-se a investigar as práticas da Educação Física escolar feminina na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, no período de 1960 à 1980, na cidade de Muzambinho – MG. Assim, aborda-se sobre a história, o que ela tem a nos ensinar sobre o passado, na medida em que a reconstrução histórica da realidade nos aproxima das experiências vivenciadas através da prática. Conceitua-se neste trabalho o cenário desta da Educação Física Feminina através dos relatos das docentes Maria Luiza podestá, Lia Mara Zaghi e algumas de suas alunas.

Este trabalho se justifica por contribuir para a ampliação das análises sobre a Educação Física escolar no período em questão, considerando uma cidade do interior como local das práticas. Busca-se, assim, colaborar para que sejam revistas as versões, cujo olhar é mais panorâmico. Como apresenta Melo (1999), são poucos os estudos na historiografia brasileira que se dedicam a discutir especificamente as particularidades da Educação Física e do Esporte.

Alguns fatos indicam que a disciplina estudada na época em que a Maria Luiza Podestá ministrou suas aulas, sofreu influência do regime militar. Esta professora, através de suas ações, transforma este cenário aplicando a prática da ginástica calistênica, contrapondo essa metodologia, no final de suas aulas realizava-se jogos e brincadeiras

com a turma. Observou-se nesta época que a construção das aulas dava-se por meio da separação de gêneros. As professoras ministravam aulas somente para meninas e os professores para meninos, conseqüentemente a turma era separada da mesma forma. Para a realização das aulas era obrigatório o uso de uniforme, e as aulas aconteciam na quadra do colégio que era simples, cimentada e sem cobertura. Os materiais utilizados eram precários e suponha – se que não existia apoio financeiro do governo para a compra de mesmo.

Oliveira (2001) relata que em meados da década de 1970 a Educação Física se consolida de forma esportivizada. Período este vivenciado pela professora Lia Mara Zaghi, que em suas aulas introduzia a iniciação esportivista. Ministrando conteúdos como jogos de iniciação esportiva, brincadeiras e ginástica rítmica, utilizada para apresentações; buscando através desta, a interação e a participação de todos os alunos. Ainda no desenvolvimento do modelo competitivista, as aulas eram realizadas em horários contra turno, quando se tratava de treino esportivo para alunos habilidosos, ressaltando o modelo do esporte de alto rendimento. As aulas eram organizadas por meio da separação de gênero, ocorrendo em horários contra turno, onde o uso do uniforme era obrigatório, sendo este uma camisa branca e um short azul, somente o calçado não era cobrado, devido a condição financeira dos alunos.

O local de realização das aulas era na quadra do colégio, sendo esta cimento e sem cobertura, relato das duas professoras: Lia Mara Zaghi e Maria Luiza Podestá, e também se utilizava o Clube da Praça de Esporte para a realização de aulas de atletismo no campo, devido a turma ser muito grande e a quadra do colégio não ser adequada para comportar o número de pessoas.

Considera-se que a prática de atividade física sofreu influência do governo no período estudo, passando de uma prática militarista à uma prática competitivista, que visava o alto rendimento. Contudo é possível afirmar que a disciplina serviu como instrumento tecnicista da educação dos copos, baseada em métodos de treinamento esportivo, e também jogos e brincadeiras.

Ao final deste estudo, constata-se que no período de 1960 à 1980, há um processo de mudança da Educação Física em Muzambinho, de uma prática mais recreativa para uma prática mais esportivista, principalmente a partir da atuação da professora Lia Mara. Supõe-se que tal mudança está sintonizada com o advento do regime militar brasileiro, instituído em 1964, e promotor de uma Educação Física sintonizada com o desenvolvimento de um país potência esportiva.

## REFERÊNCIAS

ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru-SP: Edusc, 2006

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnicas, arte e política: obras escolhidas**. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987

BORGES, M. **História Oral (Questões-chave para montagem de um arquivo Sonoro de Memória)** - Membro do Núcleo de Hist. Oral/FAFICH/UFMG - Grupo de Pesquisa Elementos Materiais da Cultura e do Patrimônio. Abr/2013

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos *Annales* 1929-1989 / Peter Burke**; tradução Nilo Odália. – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERREIRA, M. de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FILHO, Lino Castellani. **Educação Física no Brasil: A História que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988.

GHIRALDELLI Junior, Paulo. **Educação Física Progressista: A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1991.

LE GOFF, J. **História e Memória**. tradução Bernardo Leitão. [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990

MARINHO, Inezil Penna. **História da educação física no Brasil: exposição, bibliografia, legislação**. São Paulo: Cia Brasil, 1954. 140 p

MELO, Victor Andrade de. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil: Panorama e Perspectivas**. 4. ed. São Paulo: Ibrasa, 1999. 25 v.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência**. 2001. 398 f. Tese (Doutorado) - Curso de História e Filosofia da Educação, Puc, São Paulo, 2001.

RIBEIRO, Elisabete Aparecida. DEMOCRACIA PRAGMATISMO E ESCOLA NOVA NO BRASIL. **Revista de Iniciação Científica da Ffc**, Marília, Sp, v. 4, n. 2, p.170-186, 2004. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/index>>. Acesso em: 02 nov. 2014.

ROSA, Juliano de Melo da. **Nas Vozes de um Mesmo Tempo: A Educação Física Institucionalizada no Período da Ditadura Militar em Caceque – RS**. 2006. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação - Ppge, Universidade Federal de Santa Maria - Usfm, Santa Maria, 2006.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. 3. ed. Campinas, Sp: Autores Associados, 2004. Coleção Educação Contemporânea.

VICENTINO, Cláudio. **Viver a História: ensino fundamental**. São Paulo: Scipione, 2002.

#### **Fontes:**

ROMANO, Alcione Magalhães. **O cenário da Educação Física feminina na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida de Muzambinho-MG: 1960-1980: depoimento**. [17 de Outubro, 2014]. Muzambinho: IFSULDEMINAS - Câmpus Muzambinho. Entrevista concedida à Susany Hipólito, Brayan Robson e Mateus Camargo.

TOLEDO, Dircélia Cristina de. **O cenário da Educação Física feminina na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida de Muzambinho-MG: 1960-1980: depoimento**. [16 de Outubro, 2014]. Muzambinho: IFSULDEMINAS - Câmpus Muzambinho. Entrevista concedida à Susany Hipólito, Brayan Robson e Mateus Camargo.

BENGSTON, Vilma Ainda Riboli. **O cenário da Educação Física feminina na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida de Muzambinho-MG: 1960-1980: depoimento**. [15 de Outubro, 2014]. Muzambinho: IFSULDEMINAS - Câmpus Muzambinho. Entrevista concedida à Susany Hipólito, Brayan Robson e Mateus Camargo.

MONTANARA, Mara Janice Martiniano. **O cenário da Educação Física feminina na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida de Muzambinho-MG: 1960-1980: depoimento**. [20 de Outubro, 2014]. Muzambinho: IFSULDEMINAS - Câmpus Muzambinho. Entrevista concedida à Susany Hipólito, Brayan Robson e Mateus Camargo.



REIS, Felicidade Donizete dos. **O cenário da Educação Física feminina na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida de Muzambinho-MG: 1960-1980: depoimento.** [16 de Outubro, 2014]. Muzambinho: IFSULDEMINAS - Câmpus Muzambinho. Entrevista concedida à Susany Hipólito, Brayan Robson e Mateus Camargo.

RIBEIRO, Dirce Maria Cruz. **O cenário da Educação Física feminina na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida de Muzambinho-MG: 1960-1980: depoimento.** [17 de Janeiro, 2013]. Muzambinho: IFSULDEMINAS - Câmpus Muzambinho. Entrevista concedida à Susany Hipólito, Brayan Robson e Mateus Camargo.

ZAGHI, Lia Mara. **O cenário da Educação Física feminina na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida de Muzambinho-MG: 1960-1980: depoimento.** [17 de Janeiro, 2013]. Muzambinho: IFSULDEMINAS - Câmpus Muzambinho. Entrevista concedida à Susany Hipólito, Brayan Robson e Mateus Camargo.

PODESTÁ, Maria Luiza. **O cenário da Educação Física feminina na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida de Muzambinho-MG: 1960-1980: depoimento.** [10 de Janeiro, 2013]. Muzambinho: IFSULDEMINAS - Câmpus Muzambinho. Entrevista concedida à Susany Hipólito, Brayan Robson e Mateus Camargo.

## **Anexo**

### **I - Agradecimento**

Agradeço á Deus em primeiro lugar, por nos permitir a realização deste trabalho, nos concedendo saúde e força durante está caminhada para superar às dificuldades encontradas.

À Instituição pelo ambiente criativo e amigável, levando em consideração a ótima convivência com meus colegas de classe que estiveram sempre nos apoiando nos obstáculos que tivemos durante nossa formação. Agradeço em especial, a todos meus professores por nos proporcionar o conhecimento, este que contribuiu no processo de nossa formação profissional, aos que se dedicaram a todos nos, não apenas por terem nos ensinado, mas por terem feito nos aprendermos ao longo de nossa trajetória acadêmica.

As nossas famílias, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Sempre nos dando suporte quando necessário, para descolar ou me ausentar na elaboração deste trabalho.

A minha colega de estudo que teve a paciência de abrir a porta de sua casa, me acolhendo, sendo praticamente uma irmã quando necessário durante todo esse processo. Ao meu companheiro de jornada, mais que um colega se tornou parte fundamental nessa trajetória meus sinceros agradecimentos, pela força e paciência durante a caminhada. Ao nosso orientador Mateus Camargo pela paciência, e contribuição na nossa trajetória acadêmica, está que ficará marcada pelo processo de maturidade e desenvolvimento pessoal.

**Brayan Robson e Susany Hipólito**

## **II - Dedicatória**

Dedico este trabalho a todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos a nos durante esta caminhada, fazendo vida valer a pena. À nossa família, por acreditar em nos. Em especial nossas Mães Maria Zilda Silva e Sueli de Fátima Lourenço da Cruz que com seus cuidados e dedicação nos deram nos momentos difíceis a esperança para seguir em frente, e não desistir, dando a certeza de que não estamos sozinho nessa caminhada. Amor incondicional sem explicação a vocês dedicamos nosso trabalho e nossa formação, trajetória está árdua, mais na vida descobrimos que os momentos difíceis são essenciais para nosso crescimento pessoal e profissional.

**Brayan Robson e Susany Hipólito**